
WILKINSON SWORD
WILKINSON SWORD
WILKINSON SWORD

LADY WILKINSON SWORD

A vida nunca é uma coleção de oportunidades.

A vida é uma única oportunidade, que nunca vem duas vezes.

Foi assim comigo.

Nos meus anos de Maçonaria italiana, reconhecida em seus rituais e tradições pela Grande Loja Unida da Inglaterra, tive a oportunidade de participar de um encontro bastante incomum.

Eu já estava no Terceiro Grau, mas cheguei com o espírito certo: o de um Aprendiz.

Não era uma sessão ritual.

Não havia aventais, nem símbolos, nem palavras para decorar.

Era simplesmente um jantar.

Um jantar em Londres.

Uma daquelas noites que parecem comuns enquanto você as vive e só se tornam extraordinárias muitos anos depois, quando você enfim entende o que significavam.

Londres tinha o encanto de sempre.

A história parecia espiar de cada prédio.

A Coroa.

A City.

Os clubes privados.

As instituições.

As tradições que sobrevivem mais do que os homens que as criaram.

Foi por meio das minhas experiências profissionais anteriores dentro da Gillette, e naqueles lugares, que encontrei, quase por acaso, uma história muito mais antiga do que eu.

Uma história que não pertencia à Maçonaria.

Tampouco pertencia aos negócios.

Pertencia à Inglaterra.

Seu nome era Wilkinson Sword.

Ou talvez fosse mais exato chamá-la de:

Lady Wilkinson Sword.

Porque algumas empresas geram lucro.

Outras criam história.

Ela tinha feito as duas coisas.

O sotaque era inglês, os modos elegantes, o estilo refinado.

Sorria através dos anos que carregava.

Sabia que já não era jovem.

Tinha perdido a leveza da juventude, mas não a lucidez.

O intelecto continuava forte.

As ideias continuavam afiadas.

Sempre que falava comigo, usava aquele tom quase romântico de gata velha ronronando ao pé da lareira, e pronunciava sempre o meu nome com uma leve imperfeição:

“Fernando…”

Nunca precisou de apresentação.

Só precisava entrar na sala.

Carregava consigo o peso da história.

Tinha atravessado guerras, reis, rainhas, revoluções industriais, aquisições e reuniões de conselho de administração.

Tinha visto homens ficarem ricos.

Tinha visto impérios desaparecerem.

Tinha visto gestores convencidos de que eram imortais.

E, no entanto, continuava ali.

Elegante.

Discreta.

Britânica.

Naquele momento, entendi que algumas empresas não são empresas de forma alguma.

São instituições.

Algumas pertencem aos acionistas.

Outras pertencem à história.

Lady Wilkinson Sword pertencia às segundas.

E eu começava a pertencer, só um pouquinho, a ela também.

Ferdinando